

terapia. A seguir as etapas do tratamento, onde o farmacêutico atua no acompanhamento clínico: coleta de células (leucaférese); período da manufatura do medicamento: neste período poderá ser necessária a realização de quimioterapia para redução da carga tumoral (terapia ponte); esquema quimioterápico para linfodepleção; recebimento, armazenamento e transporte das células CAR-T; administração do medicamento; cuidados específicos pós-infusionais. **Discussão:** A construção desta diretriz revela os desafios sobre os cuidados farmacêuticos em procedimentos inovadores e de grande complexidade como a terapia CAR-T cell, alinhando a implantação e determinação de rotinas específicas em uma rede nacional de saúde integrada. Após o período de implantação do protocolo foram realizados oito procedimentos em dois dos hospitais da rede, e todos os pacientes submetidos a terapia tiveram boa evolução e desfecho favorável. O farmacêutico clínico realizou o acompanhamento do paciente em todas as etapas que envolvem o procedimento (anamnese e conciliação farmacêutica, análise da prescrição médica, avaliação dos exames laboratoriais e sinais clínicos), focado no monitoramento de toxicidade e realizando as intervenções necessárias junto ao corpo clínico. No momento da alta foi realizada a orientação para extensão dos cuidados relacionado ao uso dos medicamentos prescritos para uso em casa. **Conclusão:** Nosso estudo destaca a importância da implantação corporativa de uma diretriz unificada de cuidados farmacêuticos em uma rede com hospitais especializados na terapia CAR-T cell, e da participação ativa do farmacêutico clínico na equipe multiprofissional, garantindo a eficácia e segurança do paciente.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2023.09.1584>

ANEMIA FALCIFORME E O TRANSTORNO RELACIONADO AO USO DE OPIOIDES: REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

ASB Costa, CEL Rolim

Centro de Hemoterapia e Hematologia do Pará
(Fundação HEMOPA), Belém, PA, Brasil

Objetivos: A anemia falciforme é uma doença hereditária monogênica que se caracteriza pela falcização dos eritrócitos, causando adesão às paredes vasculares e resultando em crises vaso-oclusivas com episódios de dor e lesão de órgãos. Além disso, mais de um terço dos adultos com essa doença apresentam quadros de dor crônica persistente. Neste contexto clínico, os analgésicos opioides são um dos pilares do tratamento da dor aguda e crônica, sendo frequentemente prescritos a pacientes com anemia falciforme, nas quais o tipo e a posologia destes medicamentos variam de acordo com a severidade da dor. No entanto, é importante destacar o risco estabelecido de induzir dependência física e/ou psicológica que essa classe de medicamentos apresenta, o que pode resultar em transtornos relacionados ao seu uso, principalmente em pacientes que fazem o seu uso recorrente. Nesse sentido, o objetivo do presente trabalho é a realização da síntese de evidências sobre o transtorno relacionado ao uso de opioides em pacientes com anemia falciforme.

Métodos: Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, realizada nas bases de dados da Literatura Internacional em Ciências da Saúde (MEDLINE) e da Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), a partir de artigos científicos publicados no período entre 2013 a 2023, no idioma inglês, completos e em open access, utilizando os descritores: opioid-related disorder, sickle cell disease, opioid e pain management. **Resultados e discussão:** Foram encontrados 192 artigos científicos, dos quais 184 foram excluídos após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, totalizando oito artigos para serem lidos e analisados na íntegra. Os estudos indicam que tanto os pacientes quanto os profissionais de saúde têm preocupações acerca do uso crônico de opioides, devido às características farmacocinéticas e farmacodinâmicas da classe, que podem resultar em dependência quando utilizados de forma inadequada ou por longos períodos. Entretanto, a estigmatização dos pacientes em relação à dependência resulta em um manejo inadequado da dor, como a prescrição de subdoses e o aumento das dificuldades de acesso aos medicamentos. Além disso, uma das questões abordadas foi o desconhecimento dos profissionais de saúde em relação ao diagnóstico do transtorno relacionado ao uso de opioides, o que abre espaço para julgamentos subjetivos e/ou influenciados por estigmas sociais. Ademais, os estudos destacam a carência de protocolos estabelecidos para o manejo da dor em pacientes falciformes e dependência a opioides, se fazendo necessário aplicação de abordagens específicas, incluindo o rastreamento e monitoramento do tratamento, o gerenciamento da dor com foco na otimização da analgesia em doses adequadas, e o envolvimento ativo do paciente na definição de metas para o controle da dor e no estabelecimento de um tratamento multimodal e personalizado. **Conclusão:** Dessa forma, enfatiza-se a importância de abordagens específicas para o manejo da dor, com o objetivo de minimizar os riscos associados ao uso de opioides. Além da estigmatização relacionada a esses medicamentos, o que destaca a necessidade de uma abordagem mais informada. Por fim, destaca-se que a literatura abordando esse tema de forma específica é escassa, principalmente de estudos que considerem o cenário nacional.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2023.09.1585>

ASSISTÊNCIA FARMACÊUTICA NO TRATAMENTO DA PÚRPURA TROMBOCITOPÊNICA IDIOPÁTICA COM IMUNOGLOBULINAS

DS Melo ^a, ML Almeida ^b, ML Almeida ^b

^a Centro Universitário Santo Agostinho (UNIFSA),
Teresina, PI, Brasil

^b Centro Universitário Unifacid Wyden (UNIFACID),
Teresina, PI, Brasil

Introdução e objetivos: A púrpura trombocitopênica idiopática (PTI) representa o distúrbio hemorrágico de maior incidência, sendo uma condição adquirida que se caracteriza pela redução das plaquetas no sangue. Além disso, a PTI é caracterizada por apresentar uma elevada taxa de mortalidade e reduzida

qualidade de vida em pacientes críticos a longo prazo. Diante disso, não há um teste específico para diagnosticar a PTI, muitas vezes erroneamente associada a outras enfermidades que resultam na redução de plaquetas. Atualmente, o tratamento dessa condição é assegurar que a contagem das plaquetas permaneça em níveis adequados, porém em situações mais severas quando o paciente apresenta hemorragias significativas é necessário utilizar outras terapias, como as imunoglobulinas. A partir disso, é necessário investigar e analisar a importância da assistência farmacêutica no tratamento da PTI utilizando imunoglobulinas. **Materiais e métodos:** Trata-se de uma revisão da literatura de caráter descritivo e abordagem qualitativa. Para tal, foram realizadas buscas nas seguintes bases de dados: Biblioteca Virtual em Saúde, PubMed e Google Acadêmico, a partir de combinações estratégicas dos descritores: “Assistência farmacêutica”; “Imunoglobulinas”; “Púrpura trombocitopênica idiopática”. Foram incluídos na pesquisa artigos publicados entre os anos de 2017 a 2022, e excluídos aqueles que fugiam da temática e fora do recorte temporal, restando três artigos para serem discutidos. **Resultados:** As imunoglobulinas têm sido cada vez mais empregadas para o tratamento de imunodeficiências primárias e secundárias, além de doenças autoimunes como a PTI, elas atuam bloqueando os receptores dos fragmentos cristalizável (Fc) das células do sistema retículo endotelial desencadeando respostas imunes. **Discussão:** Contudo, percebeu-se que o farmacêutico desempenha um papel notório, desde o diagnóstico até o tratamento da PTI, demonstrando que este profissional está qualificado para interagir com o paciente pré-clínico, coletando informações como histórico de diagnósticos e principalmente ao uso de medicamentos contínuos. Suas contribuições específicas em diferentes fases do tratamento vão desde a seleção adequada da terapia, prevenindo adversidades por meio do monitoramento dos efeitos e interações medicamentosas. Diante disso, a atuação farmacêutica garante a implementação de cuidados que promovam uma evolução clínica positiva do paciente e contribua para a otimização da terapia. **Conclusão:** O mecanismo de ação da utilização de imunoglobulinas no tratamento de distúrbios autoimunes é complexo e parcialmente compreendido. As apresentações de imunoglobulinas intravenosa e subcutânea disponíveis têm características farmacêuticas distintas, o que pode impactar a segurança e a tolerância em alguns pacientes. Logo, a assistência fornecida pelo farmacêutico é importante devido a relação direta entre o profissional e o paciente, pois ele é o mais acessível à comunidade. Assim, poderá promover uma farmacoterapia embasada alcançando resultados positivos no tratamento da PTI.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2023.09.1586>

**ATENÇÃO FARMACÊUTICA COMO
ESTRATÉGIA PARA SEGURANÇA DO
PACIENTE: A IMPORTÂNCIA DO
ACOMPANHAMENTO DE PACIENTES
HEMATOLÓGICOS AMBULATORIAIS EM USO
DE QUIMIOTERAPIA ORAL**

LP Lindenmeyer, E Scherer, R Fach, SS Soares

Hospital Nossa Senhora da Conceição, Porto Alegre,
RS, Brasil

Objetivos: Descrever o perfil das consultas farmacêuticas realizadas com pacientes do Serviço de Hematologia em uso de quimioterapia oral, que foram atendidos pela Farmácia de Medicamentos Especiais (FME) de um hospital de grande porte de Porto Alegre (RS). **Materiais e métodos:** Estudo transversal e retrospectivo que relata os atendimentos farmacêuticos realizados na FME do Hospital Nossa Senhora da Conceição, onde são dispensadas as quimioterapias de uso oral, no período de janeiro de 2022 a junho de 2023. Em casos previamente selecionados (protocolos complexos, de maior toxicidade e pacientes não aderentes) os pacientes são atendidos, orientados e acompanhados por farmacêuticas clínicas especialistas em oncologia e hematologia. Os dados foram coletados no prontuário eletrônico e armazenados em Excel. Os resultados foram descritos na forma de frequência e mediana. **Resultados:** Foram realizadas 4.069 consultas farmacêuticas no período. Destas, 56,4% correspondem aos pacientes da hematologia. A mediana de idade dos pacientes foi de 58 anos, com a mínima de 1 e máxima de 93 anos, sendo a maioria do sexo masculino ($n = 1.936$; 86%). Em relação ao tipo de atendimento, 1.501 (65,4%) foram acompanhamento dos tratamentos. Em 220 (9,6%) casos, o atendimento foi relacionado a orientações de início de tratamento ou troca de protocolo e em 179 vezes (7,8%) foram fornecidas orientações e respostas a dúvidas dos pacientes. Foram realizadas 141 (6,1%) dispensações a pacientes internados e 119 (5,2%) atendimentos envolvendo medicamentos não padronizados ou obtidos por via judicial. Em 84 (3,7%) casos fez-se a busca ativa dos faltantes por meio de contato telefônico ou encaminhamento ao serviço social, de modo a aumentar a adesão ao tratamento. Foram conduzidas 42 (1,8%) avaliações pré-transplante de medula autóloga e nove atendimentos (0,4%) referentes a outras situações. Todos os atendimentos foram evoluídos em prontuário para acompanhamento e ciência da equipe multidisciplinar. **Discussão:** A quimioterapia oral traz vantagens aos pacientes, como maior autonomia e protagonismo de seu tratamento e menos retorno frequente aos serviços de saúde. Porém, sem medidas de acompanhamento e orientação ao paciente, erros de medicação, interações, efeitos adversos e falta de adesão podem impactar diretamente no tratamento prescrito. Considerando o perfil de pacientes atendidos na instituição, com extremos de idade, presença de comorbidades e problemas sociais e econômicos, se tem sujeitos mais vulneráveis a problemas relacionados a medicamentos que não sejam previamente detectados e prevenidos. Assim, a consulta farmacêutica proporciona educação e acompanhamento de pacientes, promovendo a segurança do paciente, o vínculo com a equipe e a melhor adesão ao tratamento. **Conclusões:** Nesse cenário, o papel do farmacêutico clínico especialista se consolida na orientação e educação do paciente, monitoramento de possíveis reações adversas e na promoção da adesão ao tratamento, visando sua efetividade e segurança, a qualidade do serviço de saúde e a redução de custos.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2023.09.1587>